

PERFIL LITERÁRIO

Um breve relato sobre o notável contato com as Literaturas Africanas: conhecer para reconhecer-se e amar ou viagens em vôos, pássaros, árvores, terras e raízes do outro e de si mesmo.

Por Patrícia Camargo¹

Mestranda em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFF

E-mail: tantalos2005@yahoo.com.br

“Venho de longe e vou para longe:
mas procurei pelo chão os sinais do meu caminho.”
(Cecília Meireles – Viagem, 1939)

...

“Não é justo um pássaro
onde ele não possa voar.”
(Eduardo White – Poemas da ciência de voar
e da engenharia de ser ave, 1992)

¹ Mestranda em Literatura Africanas de Língua Portuguesa da Pesquisa : *Luuanda e luandinos*: rompendo o fascismo da língua por meio da utopia. Bolsista CAPES.

Gostaria de iniciar esse texto apresentando alguns pressupostos no que concerne aos primeiros contatos que tive com as obras literárias pertencentes aos países africanos de língua portuguesa, a fim de mostrar quão encantador e extasiante foram esses momentos e convidar/ convencer o maior número de pessoas a também embarcar nessa viagem a fim de vivenciar uma singular experiência.

Esse percurso teve por ponto de partida, e especificamente o sexto período do curso de Letras, na Universidade Estácio de Sá / Petrópolis, onde tive a felicidade sem igual de travar contato com uma disciplina referente às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, e em meio a esses estudos, que inicialmente abarcavam uma breve trajetória por obras literárias de alguns países como: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, em meio às veredas poéticas desses países, tive a jubilosa oportunidade de realizar um passeio por um espaço onde reinam sonhos, resistências e paixões.

Parte das aulas foi dedicada às discussões sobre as produções poética de diversos escritores de diferentes países, tais como: Agostinho Neto, José Craveirinha, Amílcar Cabral, Jorge Barbosa, Noémia de Souza, Francisco José Tenreiro, entre outros. Cada nova poesia criava uma sensação de encantamento sem igual, motivando um desejo cada vez maior de travar contato com mais e mais produções africanas.

Porém, gostaria de marcar essa reflexão tendo por base a primeira obra em prosa escolhida por nosso professor da época, Carlos Stowasser, que nos disponibilizou um excelente livro de contos intitulado *Cada homem é uma raça* (1990), do escritor moçambicano Mia Couto. Os contos foram divididos e lidos em grupos na sala de aula, sendo cada grupo encarregado da leitura e interpretação para os demais de seu conto específico.

Em meio a essa seqüência, meu grupo ficou responsável pelo conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, conto esse que ilustra através de uma linguagem altamente poética a difícil relação afetiva entre o menino Tiago e um humilde passarinho que não possuía “sequer o abrigo de um nome” (COUTO, 1990. p. 31).

Vejamos como tem início essa narrativa com uma descrição comovente da triste condição de vida desse passarinho:

Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinho.
(COUTO, 1990. p.31)

Logo nesse primeiro parágrafo do conto nos é apresentada a figura de um personagem extremamente prejudicado pelo processo do colonialismo, já que sendo apenas uma “sombra”, um “ninguém”, privado de memória, sem chão, sem pátria, sem identidade, anônimo o passarinho era uma vida silenciada, oculta, sem luz.

Mas, apesar de todos esses sofrimentos, ele encantava as crianças com sua vivacidade, com sua doçura no trato dos pássaros e sua adorável habilidade em tocar gaita. Além disso, o homem dos pássaros habitava o interior de um embondeiro, uma árvore sagrada para o povo moçambicano, cercada de lendas e mistérios.

Por conta de toda essa aura de encantamento que cercava a vida do passarinho, o menino Tiago, uma “criança sonhadeira” (COUTO, 1990. p.31) acabou por criar fortes laços afetivos com o ele, já que enquanto criança, não havia sido contaminado com os preconceitos dos adultos e não conseguia “ver” as diferenças que os separava, enxergava apenas a beleza dos atos simples vivenciados pelo seu amigo verdadeiro.

Entretanto, aquela relação efetiva entre um menino branco, filho de colonos, e um nativo, preto, e inexpressivo, acaba se tornando um incômodo para as demais famílias e principalmente por parte dos adultos. Desse modo, os pais de Tiago lutam para “fechar os sonhos” (COUTO, 1990. p.33), ou seja, afastá-lo do amigo passarinho. Uma dessas medidas, de fato cruel, será a prisão e espancamento do pobre homem, alegando fatos escusos ligados a ele.

Em meio a tanto sofrimento e desespero, o menino Tiago foge, indo visitar o amigo na cadeia. Lá, o encontra muito machucado, mal consegue tocar sua gaita, pois apanhou

demais. E num gesto extremamente amável, Tiago pega o instrumento musical atirado ao longe pelo prisioneiro, e toca a gaita para animar o amigo.

Há uma breve passagem de tempo, onde vemos o retorno de Tiago buscando observar as condições em que se encontrava o passarinho, mas acaba por constatar que a cela estava vazia. Assim, foge para o embondeiro, esconde-se lá e começa a tocar a gaita, envolvendo-se numa atmosfera quase mágica, dessa forma ele não chega a ouvir os barulhos de fora. Ocorre um equívoco terrível, pois os colonos acreditavam ser o passarinho quem estava tocando sua gaita no interior do embondeiro e tomam uma medida atroz de atear fogo na árvore. O conto apresenta um desfecho tocante, magnífico e extraordinariamente poético:

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, le nhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolucravam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes.

(COUTO, 1990. p.36)

Aquele embondeiro não era uma planta qualquer, era uma árvore sagrada que *sonhava pássaros*, como nos sugere o título do conto, e o menino Tiago não era um menino qualquer, ele será o artífice de uma ação transgressora e utópica no sentido positivo desses termos, já que movido por suas belas fantasias infantis, e por tão bem entender os pássaros de sonhos que alçavam vôos oníricos no ventre do embondeiro, as flamas ardorosas da opressão não o queimam, apenas o transformam, num ato quase alquímico, em seiva que também irrigará a terra de sonhos.

Jamais esqueço a sensação que experimentei ao terminar de ler esse conto, minha única reação foi chorar copiosamente, pois não só me envolvi de modo intenso com essa narrativa, como também “li” e em alguns signos específicos uma profunda relação de proximidade entre a realidade moçambicana e a brasileira.

A literatura é de fato um espaço mágico, já que através do vôo dos sonhos, os pássaros que nascem desse embondeiro encantado representam a força da liberdade, é bem verdade que a tônica desse conto será o encontro entre as diferenças, no entanto, outra importante questão é que essas diferenças ocorrem por conta dos mecanismos de silenciamento e opressão criados pela sociedade.

Desse modo, por conta de sua condição de ex-colônias tanto Moçambique, quanto o Brasil sofreram e ainda sofrem com profundas marcas de sujeição, mesmo depois de passarem por um processo turbulento de independência, essas nações ainda se vêem imersas em graves problemas sociais que cada vez mais impõem as diferenças.

Todavia, o espaço literário rompe todas as barreiras, na seiva do embondeiro, árvore onde habitam os sonhos, que no Brasil recebe o nome de Baobá, lugar em que o menino Tiago irrigou a terra com seu sangue, podemos compreender nos signos expressos nesse belo conto a saga heróica daqueles que ousam romper as discriminações, resistir bravamente e dar a vida se preciso para ver brotar a força da esperança e da união.

Posterior a leitura desse conto, fiquei completamente encantada pelas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e senti sinceramente que meu destino de futuras pesquisas estava definitivamente selado. Passei a ler vários livros: romances, contos, poesias, de diversos autores dos mais diferentes países africanos e sou uma leitora apaixonada e uma pesquisadora que muito se orgulha de suas produções.

São tantos escritores maravilhosos e tantas obras literárias de uma qualidade imensa que é impossível ler esses textos e não se reconhecer neles, impossível não amá-los. Hoje, posso afirmar com grande alegria, que minha vida é uma constante viagem rumo a esses saberes tão especiais!

Mas, como se deve enfrentar o desafio de divulgar um tipo de literatura tão pouco conhecida como as Literaturas Africanas? Como estimular o contato com uma viagem tão transformadora em um mundo onde o que voga é a mesmice ?

Bem, pensemos no conceito do termo viagem. Uma viagem pode ser entendida como o deslocamento de uma ou mais pessoas em uma jornada. E toda viagem é um

desafio, podemos rumar por caminhos escarpados, outros são caminho agradáveis e até mesmo dignificantes de se trilhar. Porém, é importante ressaltar que em qualquer viagem todos os caminhos vão dar em nós mesmos.

Podemos lançar um olhar em qualquer espaço do mapa-múndi, apontar para qualquer lugar, caso esse ponto seja habitado por seres humanos, podemos afirmar com grande certeza que nesse local há algo como: amor, sonhos, sofrimentos, dor, alegrias, carinho, respeito, memória e tantas outras coisas tão humanas, demasiadamente humanas.

Nos diferentes espaços do globo terrestre há pessoas com culturas distintas, práticas, crenças, há tantas cores, línguas, aromas e sabores! Porém, se olharmos com a devida atenção vamos perceber que há mais pontos de convergência entre os povos de nosso planeta que de divergência.

Mas, por conta das relações de poder, por meio das diferentes vertentes ideológicas, somos permeados por um discurso que prega e afirma as distâncias, como se fossemos tão afastados uns dos outros que nos sentimos separados por abismos intransponíveis.

No entanto, não somos ingênuos, sabemos que não podemos pensar pelo outro, falar por ele, mas podemos pensar com o outro e podemos até mesmo nos encontrar nas pegadas do outro.

Como posso afirmar com tanta propriedade e convicção que sou isto ou aquilo? Que minha nação é minha origem imutável, acaso isso existe? O que é identidade afinal: uma amarra que nos prende numa via que nos separa?

Antes de conhecer as notáveis obras das Literaturas Africanas, num primeiro momento, pensei que iria me deparar com espaços diferentes, pessoas diferentes, coisas diferentes, símbolos e sentidos diferentes, pois toda leitura é uma viagem aos espaços da diferença, mas qual não foi minha surpresa, ao observar atentamente as pegadas marcadas por pés molhados nas águas da memória de tantos povos, que deixavam marcas de um trajeto muito especial no papel, nesse itinerário, de modo claro, tive a oportunidade de visualizar com grande contento a cartografia de minha própria alma

refletida. E como afirma Mia Couto (2006, p. 329): “A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar.”

PARA SABER MAIS:

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Ed. da Caminho, 1990.

_____. *Estórias Abensonhadas*. Lisboa: Ed. da Caminho, 1994.

_____. *Contos do Nascer da Terra*. Lisboa: Ed. da Caminho, 1997.

_____. *Na Berma de Nenhuma Estrada*. Lisboa: Ed. da Caminho, 1999.

_____. *O Fio das Missangas*. Lisboa: Ed. da Caminho, 2003.

_____. *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Ed. da Caminho, 1992.

_____. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Lisboa: Ed. da Caminho, 2002.

_____. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FRY, Peter (Org.) *Moçambique*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

LEITE, Ana Mafalda. *Poesia Sempre*. Angola e Moçambique. Vol. 23, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

SECCO, Carmen Tindó Ribeiro (coord.). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX. Moçambique*. Ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 1999.

_____. *A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos*. Rio de Janeiro: ABE Graph/Barroso Produções Editoriais, 2003.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000.